

Editorial

O Significado da Morte para Crianças, Adolescentes, Adultos e Idosos

The Meaning of Death for Children, Adolescents, Adults and the Elderly

Olavo Franco Ferreira Filho¹

O medo da morte continua presente mundialmente. O que mudou? A forma de lidar com ela e com os doentes prestes a enfrentá-la. As inovações tecnológicas e farmacêuticas propiciam ao profissional de saúde tratar e restaurar a vida, mas restringem a autonomia dos pacientes. A maneira de conviver com pacientes graves e/ou terminais e de comunicar notícias difíceis a pacientes e familiares passou a ser impessoal e solitária, pois parece não haver um consenso nos ensinamentos que os profissionais adquirem sobre o assunto durante a sua formação acadêmica¹.

O conceito de morte envolve três dimensões: irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade. A criança não compreende estas dimensões e sofre quando não há suporte para o enfrentamento de situações de perda. Não ter com quem conversar e obter esclarecimentos a respeito pode deixá-la confusa e desamparada diante de sua dor^{2,3}. O adolescente compreende de modo semelhante ao adulto, entende o conceito de morte tornando-a um evento mais real. Porém, nesta faixa etária, o ser humano apresenta as suas melhores condições físicas e cognitivas, o que o leva a ter uma sensação de liberdade e onipotência, tornando-o de alto risco para a ocorrência de acidentes e mortes precoces⁴. Assim, também falta ao adolescente alguém com quem conversar, alertando-o sobre como o seu comportamento pode prejudicar a sua saúde.

O medo da morte parece atingir seu auge na vida adulta de meia-idade, após o que diminui sensivelmente. Adultos mais velhos falam mais sobre a morte e a temem menos. Religiosos costumam temer menos a morte. Por outro lado, os que apresentam altos níveis de ansiedade e estresse sentem mais medo dela. Muitos adultos preparam-se para a morte de forma prática, fazendo seguros de vida ou escrevendo seu testamento. Ocorrem sinais de mudanças profundas na personalidade imediatamente antes da morte, o que inclui maior dependência e docilidade, menos emoções e desejo de afirmação⁵.

Algumas questões geram controvérsias em relação à morte, como o suicídio assistido e a eutanásia. Atualmente, ocorre maior interesse na compreensão e enfrentamento da morte de maneira realista e compassiva.

Kübler-Ross, em seu livro *A Morte e o Morrer*, escrito em 1985, que já está na nona edição, por meio de entrevistas com pacientes gravemente doentes e desenganados de um hospital de Chicago, chegou aos cinco estágios emocionais pelos quais eles passam durante o processo de morrer: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. As pesquisas não conseguem apoiar a afirmação de que todos os adultos mostram todos os cinco ou que os estágios, necessariamente, ocorrem nessa ordem. O ingrediente mais comum é a depressão. Além disso, o livro descreve as dificuldades encontradas pela equipe multiprofissional ao lidar com o paciente, as notícias difíceis e os familiares. Especialmente os médicos têm grande dificuldade de falar a verdade ao paciente e familiares. Porém, a autora do livro afirma que o maior

problema não é o que falar, mas como fazê-lo. A reação dos pacientes não depende do conteúdo da notícia difícil. É muito mais importante a maneira como ela é informada¹.

As escolas médicas, de modo geral, preocupam-se com este assunto, introduzindo ou reforçando em seus currículos a comunicação com paciente e familiares. Mas ainda existem escolas que ignoram o assunto, e o estudante de Medicina, apesar de ter fácil acesso a um abundante material científico, não recebe qualquer treinamento a respeito. Nesta edição de nossa revista encontraremos alguns trabalhos que darão suporte a este tema.

Assim, como sugerido há 30 anos por Kubler-Ross, os profissionais deveriam refletir sobre sua própria morte como aspecto componente e central da vida, auxiliando a transmissão de valores humanos aos alunos e facilitando a lida com os pacientes e seus familiares.

REFERÊNCIAS

1. Afonso, SBC. Resenha do livro “Sobre a Morte e o Morrer”. *Ciênc. saúde coletiva*, 18(9), Rio de Janeiro, 2013.
2. Nunes, DC, Carraro, L, Jou, GI, Sperb, TM. As crianças e o conceito de morte. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3), 579-590, 1998.
3. Vendruscolo, J. Visão da criança sobre a morte. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 38(1), 26-33, 2005.
4. Kovács, MJ. *Morte e desenvolvimento humano* (4ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
5. Papalia, DE; Olds, SW; Feldman, RD. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Associação Brasileira de Educação Médica – ABEM
SCN Quadra 2, Bloco D, Sala 1021, Asa Norte – Brasília
CEP 70712-903 – DF

COLABORAÇÃO DOS AUTORES

Autor único.

CONFLITO DE INTERESSES

Autor declara não haver.



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.